



Casa do Ardine
CALÇADA DA GOMA, 39
L. B. O. A.

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Casa do Gaiato do Pôrto
PAÇO DE SOUSA

Director, Editor e Proprietário
PADRE AMÉRICO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tip. da Casa Nun'Alvares
R. SANTA CATARINA, 628—PORTO

ERA de uma vez num hotel de categoria, em certo lugar da nossa Pátria muito amada. Corria o verão. Na terra havia mais hotéis; muitos hotéis, todos povoados — muito que falar e pouco que fazer. Nestes sitios a que chamam termas, o que mais custa é matar o tempo. Já assim era com os Romanos. Lança-se mão de tudo. Cada dia vem com seu programa e todos com infinitos numeros. Eis um. Naquele hotel e naquele dia foi assim:

Um grupo de senhoras da *nossa melhor sociedade*, como a *Imprensa costume pôr*, levanta-se e vai em roda colher donativos, para um almoço aos farrapõesitos da localidade. Contaram o dinheiro, hilariantes, e entregaram à Gerencia, com instruções do almoço. No dia seguinte aparece o aviso pregado no lugar dêles, a comunicar que as Ex.^{mas} Senhoras Donas Fulana, Sicrana e Beltrana, não se pouparam a trabalhos e que vão oferecer hoje, às tantas, um almoço a doze creanças pobresinhas. Tudo está à espera. Imediatamente após o serviço dos hospedes, a Gerencia manda armar a mēsa em uma sala do dito hotel com quatro janelas para a rua, escancaradas, para que se veja bem. A mesa apresenta-se com tudo; absolutamente tudo quanto diz respeito a um almoço de circunstância. Estão doze talheres. Um terceto, coloca-se em posição. Os creados apuram-se. As pequeninas victimas entram na sala. Vai começar o sacrificio. A seguir à sopa vem o primeiro prato, vem o segundo, vem a sobre-mesa; — tormentos que as creanças não merecem a ninguem. Elas não saboreiam. Não sabem estar. Nada lhes aproveita. É um triste suplicio, como os pequeninos semblantes dizem.

A sinfonia toca. Os creados rudopiam. As senhoras da comissão, miram-se, estasiadas; e dezenas de outros farrapõesitos do lugar, que não foram convidados, espream pelas janelas, em bicos-de-pé, esfaimados!

Terminou. Os pequeninos torturados estão amarrados às cadeiras, cada um à sua, até passar a hora dos discursos. Sim; dos discursos. Em regra, as senhoras destas comissões, levam muito a mal que não se lhes diga nada, e um senhor da assistencia exaltou o acto.

Novo aviso ilucidou os hospedes de quanto se houvera gastado e assim acabou o dia ao qual, no meu entender, não se pode chamar perfeito.

~ Ora muito bem. Estamos em frente de uma das inumeras paradas de *caridade* que os olhos dos nossos tempos andam afeitos a vêr, e ninguem dá fé do mal que se pratica no mundo, com esta espécie de bem-fazer.

Nenhum de entre a assistencia era analfabeto; tudo gente de certa responsabilidade. Mais. O senhor do discurso foi, até, buscar à doutrina de S. Paulo dois pontos que tratam da esmola e com eles, enalteceu a cerimónia! Ninguem viu o mal.

Tudo fez coro, acharam muito certo. E' a consciencia falsa a torcer o bico aos pregos.

~ Eu estava. Assisti a tudo quanto se fez e quanto se disse, dum cantinho da sala, muito triste por me encontrar só; — tão perto e tão distante.

Se me tivessem dado o dinheiro e a liberdade de agir, havia de chamar tôdas as creanças pobres do povoado — *tôdas*, porque tôdas necessitavam, e dar-lhes uma refeição quente, à maneira do povo, só que um nadinha mais abundante e melhor adubada; — era dia de festa. Havia de os colocar em sitio onde estivessem absolutamente livres; comentassem a seu modo o sabor do caldo e do pão; falassem uns para os outros; rissem a bandeiras despregadas, pois seria verdadeiramente *uma festa deles* e não festança dos mais.

Havia de mandar os creados mai-la sinfonia para os seus respectivos lugares, que ele não há no mundo musica mais bela do que a feita com as notas alegres da creança pobre, diante dum prato de de sopa quente, servida com muito amor.

Assim havia de fazer. Mais. Enquanto preguntasse a cada um o nome que tem, havia de perguntar ao mundo do nosso tempo, quando é

que chega a hora em que cada creança tenha dentro da sua casa e em cima da sua lareira, uma tejela de caldo e um bocado de pão.

Então, sim, poderíamos fazer festas, que a Caridade folga com a justiça, como ensina a verdade eterna.

Salvo melhor opinião dos mestres, afigura-se-me que não se devia jámais mostrar à creança pobre um mundo a que não poderá honestamente chegar, nem possuir.

As orgias desmoralizam; são fontes de revolta e fazem revoltados.

Fica-nos muito bem ser pobres e ensinar a creança a amar e a respeitar o seu estado de pobreza, não venha ela amanhã a cair na miséria e a fazer um mundo de miseráveis.

~ Aqui há tempos fui ao Pôrto, com três Gaiatos de Paço-de Sousa.

Chegou o meio dia, e entramos em uma Pensão, a pedir de comer.

Tomamos lugar à mēsa e recomendei ao creado que nos servisse sómente sopa e um prato.

—Oh senhor abade; não lhe vale a pena.

Olhe que paga na mesma.

Do lado também se reparou e foi muito lastimado que os meninos não tivessem comido de tudo, pois que mal havia nisso!

Comentários de uma consciencia falsa.

Consciência Falsa

A NOSSA PASCOA

A nossa Páscoa é um dia de 24 horas, em que os garotos vivem os segundos de tôdas elas.

A festa principal costuma ser, e espera-se que este ano seja, na Quinta Feira Maior. E' a nossa desobriga. Propositadamente escolhemos aquele dia que o Mestre escolheu para fazer testamento, e legar a cada homem a herança do seu amor.

A seguir ao acto religioso, vem a mēsa com os ovos tingidos. Dantes nã havia amendoas; é chiquismo importado. Para os portugueses, não deveria haver nada melhor do que a tradição portuguesa.

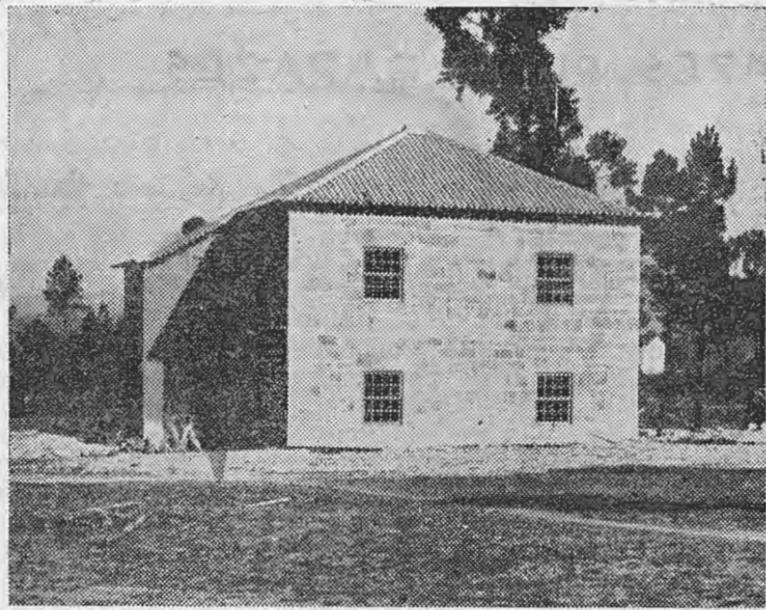
As Casas do Gaiato, são em Portugal. Os nossos pequenos são pobres. Pobre é a obra. Pobres são os a quem pedimos.

Se és amigo e fazes a pascoa dos teus, lembra-te dos nossos com meia duzia de ovos. Entrega no 54 dos Clérigos ou manda pelo correio.

Côr berrante. Côr de que tu gostes, que é justamente a de que êles mais gostam. Põe a panela ao lume, que já são muito horas.



Eles vêm do pardião, onde vivem semelhante aos animais...



...e instalam-se em casas suas, graciosas como eles, semelhantes a nós

Do que nós necessitamos

Mais 3 escôvas de dentes de Oliveira de Azeméis. Mais cem escudos deixados na Farmácia da Boavista, onde podes deixar muito mais. Mais, no 54 aos Clérigos, 2 pacotes de roupas, um dito, mais um terceiro, mais 20\$00, mais 100\$00, mais 40 cobertores de algodão de uma Fábrica do Pôrto, mais 500 escudos, mais 100 ditos, mais um pacote de livros. Mais 100\$00 em Lisboa, mais 50\$00 em Tomar, mais 50\$00 no combóio, mais 50\$00 no Pôrto, mais 4 peças de roupa dos Açores, mais 50\$00 de um visitante, mais 20\$00 depositados no Banco Espírito Santo, mais 20\$00 nas ruas do Pôrto, mais um depósito de 50\$00 no dito Banco, mais um «venha daí ao Imperial tomar café e tome lá 500\$00».

Mais o peditório na igreja do Bomfim, com 23 notas de 50\$, 64 notas de 20\$, 3 notas de 100\$, 1 dita de 500\$00, um anel, uma argola de ouro, um retalho de riscado, 2 moedas do rei de Inglaterra, e uma tremenda pancadaria de ditas com o escudo de Portugal, o que tudo bem apurado, chegou um nadinha abaixo da casa dos cinco contos.

Mais 20 escudos de um estudante

de Coimbra, mais um pacote de roupas de malha e uma nota de quinhentos, do Pôrto, mais uma data de quilos de café moído, de Lisboa, mais 20\$00 da mesma terra.

Mais 5 quilos de Nescao da Nestlé, mais 325 peças de loiça da Electro-Cerâmica de Gaia, mais 100\$00, tudo amorosamente depositado no nosso Depósito dos Clérigos. Mais 15\$00, e mais 10\$00, e mais 25\$00, e mais 5\$00 — tudo no Pôrto — e mais nada.

O arquitecto Teixeira Lopes, já mandou riscar os alicerces da nossa Enfermaria. Um senhor do Pôrto adiantou-se a todos os mais, e vai Ele mesmo ser o feliz Samaritano, que manda curar pequeninos dentro dos muros da «Aldeia» — por misericórdia. Para aproveitar tempo e a estada do Mestre, mandei igualmente riscar o edifício das oficinas, empenhando assim na obra, adiantadamente, a tua Caridade.

E a seguir vai a capela.

A Capela da nossa aldeia! Duzentos pequeninos leprosos das ruas, a compreender; a saborear; a adorar! Que importa que não agradeçam a cura? Não nos roubam a alegria nem o mérito de os pretender curar!

Uma senhora Irlandesa, residente na América, ofereceu ao P. Flanagan a capela da Cidade dos Rapazes...

Porque esperas?

Pede a planta no arquitecto. Não dês a outrem a vez. Abre a tua assinatura.

A creança da rua a presidir aos actos religiosos, tem magestade e deslumbramento; e nós queremos que ela presida, não em qualquer igreja, mas sim na nossa capela, em comunidade.

Afoita-te. Não digas que a obra é do Estado nem queiras que ela o seja.

O Estado, mesmo que seja o Novo, são homens. A obra da Rua é de Deus.

Uma terrível amargura

Para receber um subsídio de 150 contos do Fundo de Desemprego, houve de ir à presença de um Notário, a fim-de ele afirmar por escrito, que eu sou o director da Casa do Gaiato do Porto, e só no final destas passadas, é que me entregaram o dinheiro. Ele não ha nada no mundo que mais custe do que vencer a rotina dos homens! O «senhor director» ha-de por força existir e presidir nas casas de assistência. Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes, é uma heresia social.

Oh Porto! Ajuda-me a sair destas malhas torturantes. Da-me tu o dinheiro para construir, que eu vou por ele, na minha simples categoria de glorioso pedinte, sem carimbos nem notários, nem o triste apelido que à força me querem dar e eu, por força, hei-de repelir.

Para que conste

O Director de uma Companhia de Seguros do Pôrto, veio pessoalmente à «Aldeia dos Rapazes» tomar ponto e segurar as casas já construídas.

Depois do que, mandou pelo correio a respectiva apolice mai-lo recibo, ao qual falta um nadinha para dois contos; dando por pago aquilo que a gente não pagou.

Seja pelo amor do Gaiato, meu bom senhor!

Parabens

Este mês fazem anos os seguintes habitantes da Casa de Paço de Sousa:

Data	Nome	Terra	Idade
9	Luciano	Coimbra	15
9	Constantino	«	14
12	Carlos	Tábua	12
14	Amadeu	Pôrto	11
22	Alberto	«	9
29	Domingos	«	11
9	António	Penafiel	6

O Domingos, houve de ser lavado em duas águas e a roupa queimada. No dia seguinte, quiz ir embora e tê-lo-ia feito, se não fôsem os companheiros do mesmo bairro:

— Oh meu grande burro! Pois tu dormes na tóca de um penedo e ficas no chão!

Tempos andados, aparecem aqui dois andrajosos; eram os Pais.

— Meu senhor; deixe-nos levar a creança, que ela é o nosso ganha-pão!

Obsecados pela única ideia de comer pão, estes seres desventurados não atendem; não podem mesmo atender o que a gente lhes diz a favor dos filhos.

Para me deixarem o pequenino, pedi-lhes que tivessem pena de mim e prometi ser pai e mãe dêle.

Sê tu agora padrinho, e manda-lhe a prenda de anos. E' o Domingos.

— Os do mês passado tiveram algumas prendas, sobretudo o Zézito de Oliveira de Azeméis, que foi o mais prendado. O Pepe, também teve de Lisboa um presente de anos, no dia de S. José. E' devoção de uma Pessoa anónima, que parece ser estrangeira pela forma como escreve, e que se apaixonou pela história dêste filho de Espanha. Sempre triste. Sempre medroso. O que não teria êle visto no masacre de Badajóz!

Notícias Diversas

Chegaram-nos 4 ovelhas, presente de um amigo de Oliveira do Hospital. Veio aviso da estação de Cete, e logo partiram Sergio e Pepe, munidos de uma guita. Em casa, reina infinita ansiedade e sobretudo a grande curiosidade de quem virá a ser o futuro pastor.

Periquito, sempre o da vanguarda, foi o primeiro a meter cunha: — sou eu que vou com as ovelhas!

Chegaram na maré em que estavam todos no refeitório. Apenas libertos da mesa, foram em chusma ao curral. Periquito — declarou — Já não quero ser pastor; são carneiros.

Nunca tinha visto ovelhas com pontas; «se têm chifres, são carneiros». Mas enganou-se e hoje, é o Mesquita que sai com elas.

Roubaram-nos as galinhas tôdas, todinhas! O Chiquito de Abrantes, foi o primeiro que me deu a noticia, muito triste: «olhe, foram à nossa capoeira e roubaram as nossas galinhas!» Falla-nos agora a alegria colhida diariamente no alvoroço dos que iam à cata dos ovos e ora, já não: Falta-nos o espectáculo do ovo cozido sobre o prato de grão, quando os ovos chegavam à conta de dar um a cada bico. Succede que alguns deixam a gema para o resto de tudo, por lhes parecer a coisa melhor que o ovo tem; pois nem sempre a comem.

Se calha terem à beira um esperto, fica sem elal Quantas vezes assim tem sido! Quantas tempestades se não levantam nas nossas casas, por via do ovo cozido. Agora estamos em tréguas.

O Jacinto da Guarda e o Mário do Pôrto, dois recém-chegados, ingressaram na brigada dos do campo. Ceifam erva. Temos muita erva e temos muito leite. Alguns morrem por ele, e t-mam-no por grandes tijelas brancas, mastigado, saboriado, com grandes gotas a escorrer dos lábios. Parece que o leite foi feito para êles!

Outros, porém, têm mais amor às papas de milho.

Temos cá em casa alguns pequeninos larápios declarados; já deram a sua prova em coisas que furlam aos companheiros e escondem na palha do colchão. São males de cura difícil, mas tem cura. O nosso principio é não fechar

nem esconder coisa nenhuma. O rapaz ha-de habituar-se a ver e a respeitar.

O «Compadre Chegadinho» mai-lo «Tiro-Liro», andam muito desgostosos por não saberem quando fazem anos; êles são os que dormiam na areia da Foz, debaixo das estrelas. Pede-se ao Sr. Luiz Nunes Cardoso que nos dê indicações, já que os mandou para a Casa do Gaiato.

Quem quiser saber de um, encontra-o necessariamente ao pé do outro; tal foi o hábito da vadiagem em conjunto.

Fechou há tempos, algures, um asilo da Assistência, e pediram para receber em Paço-de-Sousa um dos rapazes, sem família.

— Pois sim; que venha. Tem 14 anos de idade. Veio na companhia de um guarda, do mando do Governador Civil daquela terra. Faz parte da nossa comunidade.

Nós seguimos diferente critério, sem desprimor para êste. Os nossos rapazes levam guia de livre trânsito, quando têm de sair de casa. Eles hão-de comprar bilhetes, mudar de combóios, subir para as camionetes, perguntar o nome e a rua — sôzinhos, livres, independentes. E no regresso, prestar contas. Há dias, mudou-se um ao Pôrto a casa de certa pessoa, em determinada rua. O Miúdo estava de pé no estribo e saca aviada, a ouvir da Governante as derradeiras indicações.

— Sim, sim; basta. Quem tem boca vai a Roma! E largou para a estação tomar o combóio... para Roma! Assim se fazem os homens de amanhã.

Já não é pequeno mal que as famílias de fortuna tragam os Meninos ao colo até por aí fora, e esperem que os outros lhe peguem também.

De uma vez, um garoto de Lisboa, teve a esperteza de vir até Coimbra num team de futebol. Ali foi préso. Eu soube disso, e fui por êle à prisão.

Já na estação, alguém diz do lado.

— Coitadinho; parece que tem muita fome!

— Qual fome. A fome é de cinco dias! Repudiou a lamúria e foi-se embora com dignidade.

Do que se diz e do que se faz na Casa do Gaiato de Coimbra

Quem às onze horas passasse pela rua Visconde da Luz, no domingo transacto, veria um ardina, ali pela porta da Central a gritar em alta voz:

Olha «O Gaiato» bonito e barato! Nisto passa um cavalheiro:

—Que jornal é êsse, garoto?
—«O Gaiato», meu senhor! Compre um para ajudar o Sr. P.^o Américo!

—Traz notícias da Guerra?

—Não senhor...

—Então não quero.

Se eu fôsse o gaiato em questão, havia de dizer àquê senhor que o jornal não falava da guerra mas da paz. Não daquela paz que êle procura na boca dos canhões ou nas colunas dos jornais, mas da paz tranqüilidade na ordem;—fruto da justiça, da caridade e da equidade.

Quem era afinal o tal ardina?

Porque naquele lugar?

Era um ex-vadio que tantas vezes naquela mesma rua, entrara dentro daquele mesmo estabelecimento, a namorar gulodices e algumas vezes a furtar.

● O Fernando e o Pôrto, (assim chamado por ser das ruas daquela cidade) na venda do «O Gaiato» bateram o Bairro de S. José. Voltam radiantes com os bolsos cheios de moedas.

—Olhe, vendemos tudo! Tiram-nos o retrato! Deram-nos *Santinhos* e bolos!

Nasce uma alma nova nestes gaiatos que se sentem amados.

● Ali à porta de um estabelecimento de ensino, um varredor das ruas, escreveu:

Viva os trabalhadores do lixo.

Vivam, pois, os trabalhadores do lixo. Se não fôsem êles, nós teríamos de usar andas, como os homens dos pântanos, ou escafandros, como os exploradores do mar. Vivam, sim.

Mas não são os homens que limpam o esterco das ruas, os únicos trabalhadores do lixo. Ha outros, porque também ha outro «lixo» nas ruas, feito da «limpeza» do mundo. São as creanças da rua. Nós somos os tralhadores dêste lixo.

● É costume das nossas casas, mandar os gaiatos vender o «Gaiato», nas terras circunvisinhas; e assim é que, em Miranda, o Fernando e Pedro, venderam 40 exemplares do segundo número. Para a Louzan, seguiram o Freitas mai-lo Vieira em igual missão, tendo recolhido à noite com o produto de 24 números e algumas esmoladas, dadas por simpatia.

—Nós tocamos à campainha e a creada vem e leva o jornal, e traz dez tostões.

Eis como o negócio é feito, no dizer dos catraios. Pelo Côrvo e Pereira e Tabuas, até Vila-Nova-de-Miranda, passaram o «Bucha» e Zé Maria, com uma venda de 21 Gaiatos. O povo gosta, aplaude, faz perguntas, associa-se.

Da Casa de Paço-de-Sousa, também saíram, para Penafiel o Carlos Alberto e o António.

Levaram cada um cinquenta números; é uma cidade. Regressaram

tristes e muito aborrecidos:—*oh,—ninguém quer comprar.* Venderam cinco.

● Um pequenino vadio de Godinhela a dois passos de Miranda, veio juntar-se à nossa comunidade; livremente. Esteve uns tantos dias como hóspede, e quando chegou a hora de marcar obrigação e obrigá-lo a trabalhar, foi-se embora.

Precoce e inteligente no mal prega uma grande pêta à mãe:—«Estão a fazer obras na casa e o P.^o Américo mandou embora todos os rapazes que têm Mãe»

A pobre Mãe, honrada e lacrimosa, veio trazer tôda a roupa que o filho levára no corpo; *tôda*, inclusive o lenço de assoar; grande honestidade.

Ora vá lá a gente deitar contas e fazer estudos. Como é que de tal mãe nasce tal filho?!

● Apareceu no maior palco de Coimbra o nosso P.^o Américo, não para mostrar galões nem comendas e muito menos para fazer figura ou comédia.

Aquê palco que tem sido calcado pelos mais afamados artistas, nunca viu artista mais apaixonado pela sua arte—a arte divina de levantar do chão farrapos para fazer deles homens de bem.

Era variado o fundo do cenário: umas vezes as praças do Pôrto onde o gaiato alinha em bicha os seus clientes para vender-lhes «O Gaiato», outras as abóbadas seculares do mosteiro beneditino de Paço de Sousa, onde o mesmo vai bater pedindo abrigo; ora as quelhas de Coimbra onde o garoto vadia; ora modesta «Casa de Miranda» onde se regenera e sempre, sempre, por debaixo dos farrapos dos Gaiatos de Lisboa, Pôrto ou Coimbra, a aparecerem corações de oiro calcados pelo mundo.

Não ficam na sombra dos bastidores os vícios da Sociedade nem os êrros de que as crianças são vítimas.

As cenas vão passando vivas e animadas, alternadamente hilariantes e comoventes, prendendo por completo a atenção do ouvinte, que se sente transportado não a um mundo de quimera, mas a outro mundo mais real, mais humano, mais cristão—o mundo dos Gaiatos duma *Aldeia* exclusivamente sua.

O prazer quesentíamos ao ouvi-lo, desejaríamos fôsse experimentado por todos os conimbricenses.

As Capas dos estudantes, estendidas à porta do teatro, recolheram à saída, cêrca de quatro mil escudos; mas cremos que a maior parte dos habitantes da cidade reseivou a vontade de dar para outra ocasião.

Ao Sr. Governador Civil que com a sua presença e palavras de louvor e estima, incitou os presentes a olhar com amor para a Obra do P.^o Américo, às Autoridades presentes e à União de Grémios a quem devemos a valiosa iniciativa da Conferência—a gratidão da Casa do Gaiato de Coimbra.

● A Comunhão Pascal dos gaiatos de Miranda vai realizar-se na Quinta-feira Santa.

Oito dêles farão a primeira Comunhão. Esse dia que costuma ser tão feliz para os filhos das famílias cristãs, ha-de ser também de festa nesta nossa casa.

Para melhorar a ementa do dia para premiar o esforço de aperfeiçoamento que os pequenitos empregam, para os estimular no amor ao trabalho e à virtude, enfim para garantir o sustento e o progresso da Casa—lembramos aos conimbricenses a oportunidade de mostrarem com obras a simpatia que dizem ter pela *Obra da Rua* e nomeadamente pela sua Casa do Gaiato.

Vem aí a Páscoa que costuma trazer-nos tantas coisas lindas e valiosas.

Será a de êste ano mais triste que a dos outros?

Cantinho dos Pobres

Em certa viela da Baixa, vivem dois velhinhos bem casados. Mas como, segundo antigo ditado,—em casa onde não há pão, todos ralham e todos teem razão,—os dois velhinhos andam às vezes de candeias às-avessas—*ai que te deram cinco tostões e não me deste um centavo; ai porque a ti deram-te uma côdea e não me deste metade.* A velhice é uma segunda infância...

Ora, quando tal sucede, o velhote vai passar a noite enroscado no boralho onde se acendeu o lume a última vez ha quinze dias, enquanto que ela, fica comodamente instalada na sua cama de farrapos, onde existe apenas um velho lençol.

Ha dias, as Criaditas dos Pobres, que vão fazer a limpeza do tugúrio, encontraram apenas metade do lençol. Perguntam pelo resto—*Mê home estava escamado e depois não quis aqui dormir e depois eu cortei a metade do lençol p'ra guardar na saca, p'ra poipar!*

Manda-nos roupas usadas, lençóis, mantas ou cobertores para acudir a tantos casos como êste!

Basta colocar no endereço, para poupar tempo, trabalho e tinta: P.^o Américo ou P.^o Adriano—Não há perigo de desvio, porque na cidade não há homónimos nem officiais do mesmo officio.

Aviso aos Assinantes

Vales do Correio devam ser feitos sobre CETE.

A direcção da Casa do Galato é PAÇO-DE-SOUSA, e isto basta. Mais. Assinaturas há que foram pedidas em nome de uma Senhora e aparece o nome de um cavalheiro no vale de pagamento. Como podemos identificar?

Assim, por exemplo, temos aqui um vale de 20\$00 emitido em Lisboa, a 6 de Março, por José M. P. F. Sampaio, para pagamento do jornal. Creio que se deve tratar do Marido de qualquer Senhora que nos pedia o jornal. Como êste caso, temos mais.

Primeiros vôos

«O Gaiato» há-de ser obra das mãos dos Gaiatos. Eles já dobram o jornal, garatujam os endereços, sujam os dedos de tinta, levam ao correio, pintam a macaca, interessam-se.

Um dêles perguntou-me se já podia escrever e eu disse que sim. O curioso trabalho vai tal qual saiu da pluma do catraio:

Como eu dei tantos tombos no mundo e como vim a ter, ao Lar do amor

Meados de Junho, constava-se na minha terra, que eu ia para um Colégio, mas diziam que ia para a Casa-Pia de Lisboa, por fim diziam, outras casas de caridade.

Numa tarde do mês de Junho, naqueles grandes dias de estio, partia no combóio para Coimbra, para me internarem onde me fizessem um homem, útil à Pátria, e um bom cidadão.

Por fim, a senhora que vinha comigo, levou-me para o Lar do Ex-pupilo, onde estive apenas 2 dias, que depois segui para Miranda do Côrvo.

Passaram-se meses e sem saber onde parava o meu irmão, depois é que soube, que tinha vindo para uma casa do Sr. P.^o Américo. Pedi a êste Rev.^{do} Padre, que me deixasse ir para a Casa do Gaiato do Pôrto, instalada em Paço de Sousa.

Pouco depois de chegar da estação, entrei nos claustros, da Casa Provisória de Paço de Sousa, olhei para as janelas e vi os poucos rapazes que lá estavam e entre êles vi o meu irmão, que com os olhos firmes no amor fraternal demos um abraço de alegria, de não nos vermos à tanto tempo.

Por isso no meu viço da mocidade já andei muito por êste Portugal desde aquele cantinho do Alentejo a êste do Douro-Litoral.

Nem todos quantos entram nas nossas casas são valores de rendimento social. A maioria são herdeiros de males que as gerações nos deixam, para provar a virtude dos Bons.

Nem tudo se aproveita, sim, mas aproveita-se muito. Nós havemos de construir com prata da casa. As colunas hão-de sair da massa que fôr chegando. Já temos garotos que são uma esperança.

Amigos do trabalho, afeitos a privações, capazes de sacrificios,—esta mocidade das palhas, bem orientada, tende a supplantar a Mocidade das rendas, que por muito amimada quasi sempre sai derrancada. Contam-se pelas estrelas, os moços que deviam ir à frente, mas que preferem ser elegantes e deliciosos, comendo hoje o pão que o *paisinho* ganha, e amanhã, o que o diabo amassa. Devia riscar-se do Código a lei que faz dos filhos os herdeiros necessários dos Pais; sim, devia.

Quantos há que são hoje trambolhos em vez de alavanca, só porque acreditaram na riqueza dos Pais—quantos!

DO QUE SE PASSA NO

LAR DO EX PUPILO

DOS REFORMATÓRIOS

Nem só do pão
vive o homem...

O nosso Herlander, o Maioral do Lar, vai dizer por palavras suas e estilo seu, o que foi a Desobriga dos Rapazes. Ouçamo-lo; éle vai formar-se em Direito.

Os pupilos do Lar responderam no dia 19 do corrente ao apêlo do Céu. Sentem que a vida sem comunhão, tende a enfraquecer-se e sabem que aqueles que andam afastados de Deus levam uma vida espiritual miserável e estéril.

Pois bem, a nossa festa Eucarística decorreu com a solenidade que o acto requere. Durante três dias estivemos sob o influxo das palestras do nosso educador moral e bom amigo,—Senhor Padre Adriano. As suas palavras, cheias de apostolado e acompanhadas de projecções cinematográficas tentantes a aclarar-nos o espirito, fôram profundamente escutadas e meditadas. Dessa meditação resultou um exame introspectivo, que nos mostrou a necessidade de lavarmos as consciências, que, mau grado nosso, se enchem das poeiras e da lama do mundo. Por isso, sábado, 18, os Rev.^{mos} Padres que nesse dia confessavam no C. A. D. C., atenderam-nos amavelmente. E no domingo, na Casa de Deus, depois do Sr. Padre Adriano nos ter elucidado a razão de ser do momento, a nossa alma estava presente à Mesa Eucarística, onde nos ia ser dada a Sagrada Comunhão. Recebemo-La como tesouro inapreciável! Que solene e indescritível momento, cheio de vida celestial! Que falemos todos aqueles que A recebem e A vivem plenamente.

A nossa Missa foi cantada pelo orfeão constituído pelos pequeninos da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, que muito contribuíram para o esplendor da festa.

Dignaram-se participar da nossa alegria os pupilos do Semi-internato do Refúgio da Tutoria de Coimbra e algumas dezenas de garotos da rua, cuja presença reconhecidos agradecemos.

Cumprimos o preceito.

Todos os que comungam conservam a graça santificante, e sustentada pela Comunhão, a sua alma pode passar sobre todos os infortúnios e marchar com serenidade para o cume do seu calvário: vai a acompanhá-la Jesus, que nos conserva a vida, aumentando-a espiritualmente.

Pão dos Pobres

É um livro do Padre Américo, que já vai no 3.º volume, alguns dos quais em 2.ª edição. Nêle se conta de como nasceram as Casas do Gaiato, de como nós deixamos cair o pobre e de como Ele se lamenta.

Adquire hoje o livro.

Vende-se nas Livrarias do País.

Vamos dar hoje à estampa a carta de um dos nossos Rapazes que escolheu a melhor parte. Escreve de entre os Missionários do Espirito Santo e deseja ser um deles. Fala das alegrias que se encontram no seio daquelas casas e confessa que não tem palavras para as explicar. Como poderia, se elas superam todo o sentir humano?! Este mancebo, é um documento, uma demonstração dos caminhos do Senhor.

É o mistério da Fé a levantar sempre mais alto os que acreditam, a aliciar os que ainda duvidam e a confundir os que vegetam, por medo de viver! Ora lê:

Snr. Padre Adriano, Vossa Rev.^a sabe muitíssimo melhor do que eu, as alegrias que nós encontramos dentro destas casas, a qual me confesso que não tenho palavras para lhe explicar estas alegrias.

Com o que diz respeito ao trabalho cá vou indo; ora trabalhando na arte, ora ajudando os irmãos, enfim tudo o que me mandam fazer.

Snr. Padre Adriano graças a Deus já recebi o Sacramento da Confirmação pelo qual me sinto mais feliz, com mais alegria, e ainda com mais força para fazer tudo o que Deus quiser enviar-me. Desde já termino agradecendo a Vossa Rev.^a a amabilidade que tem para comigo, e peço-lhe que dêem meu nome ao Rev. Padre Américo, os meus maiores agradecimentos e o qual eu não me esqueço nem me esquecerei de Vossas Rev.^{as} nas minhas orações.

Snr. Padre Adriano pedia-lhe também que desse recomendações à Snr.^a D. Imanuela e à Snr.^a D. Itelvina, ao snr. Ave-lino, desejando-lhe as melhores, ao meioral, e a todos os que vivem dentro dessa Comunidade e também ao Filipino Martins.

De Vossa Rev.^a Humilde servo

MANUEL DA SILVA SIMÕES.

É's feliz, Manuel Simões. Sentado aos pés do Mestre, há-de ouvir as mesmas coisas que Maria de Betania ouviu. Reza por nós.

Uma pergunta

Em um destes dias, no Bonfim, uma mulher da Ilha aparece-me com um filho pela mão, a dizer que tem mais outro em casa e a rogar que tome eu aquêle. O pequeno deseja, a Mãe implora, terceiros movem-se para o mesmo fim. Até aqui, nada de estranhar. A mulher tem na sua vida o grande título de falar e de pedir;—é viúva.

Mas ela trabalha em uma fábrica, oito horas por dia. Por direito natural, o trabalho é a suficiência de todo o homem que vem a este mundo, e que pode e quer trabalhar. Esta viúva pode e quer:

—Ganho 4 mil reis por dia, e tenho uma esmola tôdas as semanas, do senhor X. Ela disse o nome do X.

Pior. Muito pior. O trabalho não estende a mão, nem aceita as esmolas que são dos pobres. E se a gente colocasse o trabalho no seu respectivo lugar e a esmola também no seu, e dessemos a cada um aquilo que lhe pertence, isto é; dar ao trabalho um salário decente e à esmola, um Pobre necessitado:— não seríamos todos muito mais felizes?!

Andarei eubem avisado, se abrir as portas da casa a este pequeno, que tem Mãe válida com trabalho certo, e fechá-la a um das ruas, filho de ninguém? Serei justo, pergunto.

A tua resposta é alívio. Escreve na volta.

Assinaturas pagas

Um cavalheiro de Chão-de-Couce pagou seis assinaturas a 25\$00 que éle mesmo requisitara, e deixou mais cem escudos para o jornal, no *Espeelho da Moda*. Os senhores Félix António Moura, Firmino Cruz Ribeiro e Alfredo da Costa Teixeira, todos de Braga, pagaram 3\$00 cada um, por um mês. Roga-se o favor de pagar anualmente; é mais fácil para todos.

Rosa de Carvalho Pereira de Lisboa, 30\$00. Casa de S. Vicente de Paulo, também de Lisboa, 60\$00 por três *Gaiatos*. Redacção *Stela* da Cova da Iria, 20\$00.

Artur Gonçalves da Silva, Porto, 100\$00 por uma só vez e continua no ano seguinte, com 25\$00. António Hoelzer, 30\$00; Fernando Pinto dos Santos, idem; J. P. Furtado Torres, 20\$00; Armando Lima, 100\$00; Humberto Dias Almeida, 50\$00; J. Alves da Silva, 50\$00— todos do Porto. J. A. Sarmento, 30\$00; José Moreira Bessa, 50\$00; igualmente do Porto. Américo Alves Ana de Ourique, 10\$00. Maria Amorim, de O. de Azemeis, 50\$00. M. J. Sousa Ribeiro e A. J. S. Ribeiro, ambos do Porto, 50\$00 cada um. J. M. Sousa Costa, S. João da Madeira, 50\$00. Lívio Pinto da Costa, 20\$00; Miguel Horta e Costa, idem, idem; Arnaldo Furtado, do Porto, 30\$00; Roberto Tinoco, idem, 20\$00; Alda Andrade Ventura, idem, 20\$00. Alda Monteiro Soares, do Porto, 30\$00. Os seguintes, todos da Invicta, pagaram assinaturas de 20\$00:—Conceição

Devoluções do Jornal

Até o momento em que eu lanço mão da pena para notar estas regras, quatro homensinhos devolveram o jornal; são mortos que não falam em vida, nem mandam depois da morte. *Deixar os mortos enterrar os mortos!*

Quatro, sim senhor. Mas no mesmo espaço de tempo, setecentos assinantes disseram que sim.

Ha meio por cento de devoluções. Avante!

O Jornal saiu nas horas de estalar. Vem quando a Humanidade chora com fome de justiça; quando o mundo está em sangue, que não é o sangue da Cruz de Cristo. Aparece ao lado dos grandes diários, com horrores tantos e tais que, se a simples leitura nos do, que dizer de quem os sofre!

O *«Gaiato»* não. É um jornal pacífico. Ocupado, como anda, com os trabalhos da Paz, nem sequer dá fé da guerra; e nunca fala de guerras.

Nós queremos a Paz.

O *«Gaiato»* revoluciona as almas. Prega o amor... amando. Converte. Seduz. É um programa do Evangelho.

Num destes domingos, vendeu-se furiosamente à porta da igreja da Conceição; os nossos gaiatos eram os vendedores. Ele era tanta gente a pedir o jornal, que o Manuel Durães, atormentado, imperou:

—Metam-se na bicha!

E meteram!

A' noite, em nossa casa, os 4 vendedores do jornal, contavam aos que não foram:

—A gente mandava pôr os cartôlas na bicha e eles puxavam pelas carteiras e davam dinheiro!

Houve gente que deu na igreja tudo quanto tinha e pediu cá fora dez tostões para o jornal.

Houve Mães pobres que vieram das ilhas até ao Largo do Marquez, verificar se o filhinho tinha vindo vender o jornal, e exclamavam, ao vêr que não:

—Ai! quem me dera que o meu menino esteja tão lindo como tu!

Sim; revolução pacífica. É o Evangelho em marcha.

«Não vês a multidão que nos cerca, a perguntar «quem Te tocou?»!

Jesus de Nazaré é sempre o Homem das multidões, por ser o Deus do amor. *Mete a espada na bainha!*

todos da Capital do Norte, 20\$00 cada. Maria da Conceição Botelho de Lisboa, 50\$00, Arnaldo Fernando da Fonsêca do Porto, 20\$00. E. A. R. G. do Porto, 25\$00. A *«Meia d'Oiro»* do Porto, 100\$00. Dr. Manuel d'Araújo, do Porto, 50\$00. D. Izabel de Sousa Cyrne também do Porto, metade.

Marques Soares, Lourenço Pereira de Queirós, Amadeu Coelho Mendes, Alfredo Pereira de Magalhães, Artur Martinez, Ilda Soares Barbedo, Ana Izabel Salgado de Amarante, 20\$00, Jaime Rebelo, Viatodos, idem. José Bessa e Brito, do Porto, 30\$00. Armindo Monteiro Pires, do Porto, 50\$00. Maria Teresa Corrêa da Silva e Maria Virginia Calheiros Lobo, ambas de Gaia, 25\$00 cada. José Gonçalves Chorrão de Carvalho, de Lisboa, 30\$00. António Santos Fernandes, do Porto o mesmo. Anabide Malta Azevedo, de Matozinhos, 100\$00. José Guilherme, do Porto, 20\$00.

Os Senhores Justiniano da Cruz Magalhães, e Manuel de Castro Azevedo, e Elias Adolfo Muniz, e António Soares Aguiar Ribeiro, e Edgard Santos, e José Sottomayor,

REDACC

Casa

P A Ç

W A

Enquanto

R

C

de
O
feita
pou
part
ditat
—é
muit
temp
H
não
que
sent
subs
esmu
variã
sem
A
dura
da n
à e:
Assi
dese
tudo
mas
obra
divis
ta-se
quatr
somic
Ni